

O novo bestseller sexy e hilariante da autora de *Envolvidos*

Emma Chase

Enrolados

As voltas que o amor dá

* Romance *



TOPSELLER

Prólogo

As mulheres são equilibristas no fio da navalha da moral.
Puritana.
Cabra.

Putá.

Capacho.

Definir quem somos para o mundo exterior é um exercício constante de equilíbrio. É cansativo. Mas para algumas mulheres há, de vez em quando, uma saída. Um pretexto que lhes permite dizer o que realmente pensam, que lhes permite perdoar mesmo que saibam que não deviam, e as empurra para se deliciarem com todas aquelas pequenas fantasias ousadas — sem as consequências embaraçosas sentenciadas pela moralidade.

O álcool.

Pode dotar-nos da coragem para dizer obscenidades e irmos para casa com o *barman*.

É o álibi. A história a contar.

Não éramos mesmo nós — estávamos possuídas pela sangria e pelas caipirinhas.

Infelizmente tenho uma grande tolerância ao álcool.

Não é fácil ser-se eu.

Durante todos os anos em que estivemos juntos, o Billy nunca conseguiu beber mais do que eu. Nem uma única vez. Talvez por ter começado a beber ainda muito jovem. Ou talvez tenha nascido assim.

Seja como for, tenho de beber muito para ficar com o grão na asa e muito mais ainda para ficar bêbeda.

Era por isso que naqueles tempos preferia fumar erva.

Era muito mais eficaz.

Exato, ouviram bem. A Kate Brooks fumava gansas ao pequeno-almoço. Os Grateful Dead e eu? Podíamos ter sido os melhores amigos. Foi a erva que me deu coragem para fazer a minha tatuagem.

Mas infelizmente esses dias já lá vão. Quando comecei o curso de Gestão percebi que as consequências de ser apanhada com uma substância proibida eram demasiado pesadas.

Por isso agora fico-me só pelas drogas legalmente permitidas. Sobretudo vinho.

O Drew e eu bebemos vinho todas as noites, só para descontraír. E uma vez por semana temos uma espécie de noite romântica — uma noite especial. Cozinhamos juntos. O Drew gosta imenso de *fajitas*. Bebemos e falamos e bebemos mais.

Hoje à noite bebemos mais do que o costume. Por isso, embora não esteja podre de bêbeda, sinto-me muito descontraída. Relaxada. Tal como as minhas inibições.

Consegui a vossa atenção? Excelente.

Abram uma janela, minhas senhoras e meus senhores — isto está prestes a ficar escaldante.



Estamos na cama.

Estou deitada de costas. E o Drew está no meio das minhas pernas.

Bom, pelo menos a cara dele está.

— Adoro o teu sexo.

Gemo, e ele reforça as suas palavras com atos. Ele é bom em atos.

Atos molhados e de veneração.

— Por mim vivia aqui em baixo.

Aumenta o ritmo e antes que se consiga dizer «Acarícia-me com um chicote» já estou a puxar-lhe pelo cabelo e a gritar pelo nome dele.

Momentos mais tarde, o Drew sorri orgulhosamente e rasteja pelo meu corpo acima. As minhas pernas estão preguiçosas do vinho — e do

orgasmo, claro. Em toda a volta há uma névoa agradável, um misto de dormência, fazendo tudo parecer um sonho.



E depois beijamo-nos. E o calor invade-me o corpo como uma corrente elétrica, trazendo-me de volta.

Fazendo-me sentir como tudo isto é real.

Arranco a boca da dele e sussurro, com o álcool a dar-me coragem:

— Drew... Drew, quero experimentar uma coisa.

Isso fá-lo prestar atenção.

— O que queres experimentar?

A língua dele desliza pelo meu mamilo.

Sorriso e mordo o lábio:

— Uma coisa nova.

Levanta a cabeça. As suas pálpebras adoravelmente pesadas:

— Gosto de novidades.

Rio baixinho e empurro-o de cima de mim, depois ergo-me e vou para a cómoda — batendo na mesinha de cabeceira no caminho.

— Com licença.

Abro a gaveta de cima e tiro dois pares de algemas. A Delores recebeu-as de prenda para a sua festa de despedida de solteira mas já tinha um par.

Não perguntem.

Rodo uma delas à volta do dedo. O meu avanço sensual de regresso à cama é quase estragado quando tropeço nos saltos de dez centímetros; rio-me.

O Drew soergue-se e fica de joelhos. Parece faminto, como um leão de olho num bife suculento que está quase ao seu alcance.

Faz o gesto de me tirar as algemas mas empurro-o para longe.

— De costas, matulão.

Sei o que está a pensar. Não o conseguem quase ouvir?

«Mmm... A Kate quer controlar as operações? Interessante...»

Recua e põe os pulsos junto das colunas da cabeceira da cama. Envolve-lhe os pulsos e fecho as meias-luas.

Clique.

Clique.

Dá um puxão a cada uma, para as testar, enquanto fico apoiada sobre os tornozelos ao seu lado, os meus olhos deslizando pela perfeição nua que é Drew Evans.

Lindo.

— Estás a pensar fazer alguma coisa? Ou vais ficar a olhar para mim a noite toda?

Levanto os olhos para ele. E os seus olhos estão ansiosos, desafiando-me a avançar.

Ah, avanço com certeza. Nunca tenham dúvidas acerca disso.

Ergo o queixo orgulhosamente e meto as mãos entre as suas coxas, roçando e massajando-lhe os testículos lentamente. Deslizo a mão pelo membro já duro, agarrando-o com força — como sei que ele gosta — antes de lhe dar umas sacudidelas firmes.

O peito do Drew começa a subir mais depressa.

Não haja dúvidas de que é interessante.

E antes que perguntem, não, não fui sempre assim, tão ousada.

Corajosa.

Toda a minha relação sexual com o Billy envolvia dois níveis: tímido e normal. Hesitante e mecânico. E por aí ficava. Só com o Drew é que percebi o quanto o Billy e eu nos retínhamos um ao outro.

No sexo e na vida.

Aos olhos um do outro seríamos sempre a Katie e o Billy. Imaturos. Dependentes. Jovens para sempre — como aquele filme do Tuck sobre a fonte da juventude.

Depois Drew Evans entrou na minha vida, e a mulher franca, exigente e, sim, assanhada que tinha estado a crescer dentro de mim havia uma década foi libertada. Pelo menos na cama.

Na cama dele.

Dobro-me pela cintura, rabo para o ar, e faço entrar todo o seu comprimento na minha boca. Estremece ao contacto. O álcool deve ter adormecido o meu reflexo de engasgo porque consegui envolvê-lo todo.

E faço-o.

Quatro, cinco, seis vezes. Então levanto os meus olhos para os dele. Os homens adoram contacto visual durante um broche. Não me perguntem porquê — não faço ideia.

— Gostas que te chupe, Drew?

Também gosta de palavrões. Na verdade, não há muita coisa de que o Drew *não* goste.

Os olhos reviram-se para trás:

— Foda-se, sim!

Volto ao trabalho, pondo a língua em ação.

A sua voz é pesada, ofegante:

— Meu Deus, querida... fazes o melhor broche do mundo. Eras capaz de ensinar uma turma inteira.

Eh, eh, até tinha graça... Introdução à Mamada.

Após quase dois anos juntos, sou perita em ler a linguagem corporal do Drew. Por isso, quando as ancas começam a levantar-se e as mãos se fecham no ar, sei que está quase. Os seus grunhidos e gemidos de aprovação quase me fazem abandonar o meu plano.

Mas não.

No último segundo, mesmo antes de se vir, retiro-me. E sento-me. Os olhos do Drew estão semicerrados à espera da explosão que não chega.

Abre os olhos, confuso.

Sorriso, sentindo-me poderosa.

E mazinha.

Espreguiço-me dramaticamente:

— Sabes, aquele vinho esgotou-me mesmo. Parece que estou cansada.

— O... o quê? — ofega ele.

— Acho que preciso de uma pausa. Não te importas, pois não?

O Drew rosna:

— Kate...

Passo a minha perna por cima dele, fazendo deslizar o seu tesão brutal e impressionante por entre as minhas pernas. Sento-me nele, mas não o deixo deslizar para dentro.

— Também me parece que estou com sede. Vou buscar um copo de água. Queres?

— Isto não tem graça nenhuma, Kate.

Ah! Está zangado.

Assustador.

Deslizo o dedo pelo meio do seu peito.

— Ninguém se está a rir.

Puxa pelas algemas — com mais força desta vez. O fecho resiste e eu rio-me baixinho. Quem diria que picar um leão com um pau podia ser tão divertido?

— Calma, Drew. Fica quietinho como um menino bem comportado e já volto... — Encolho os ombros: — Se calhar.

Beijo-lhe o nariz de repente, salto da cama e saio a correr do quarto enquanto ele chama por mim.

Não olhem para mim assim; só estou a irritá-lo um bocadinho. Sabem que ele merece. Não tem mal nenhum, pois não?



Passo pelo corredor em direção à cozinha, orgulhosa de mim mesma. Pouso o pé no chão de mosaico e fico com pele de galinha nas pernas e nos braços. Tenho mesmo sede, por isso vou buscar um copo ao armário e encho-o com água fria.

Junto do lava-loiça, bebo um longo gole, fechando os olhos à medida que o líquido frio me desce suavemente pela garganta seca. Uma gota escorre pelo queixo, por cima da clavícula e pelo seio abaixo.

Sem aviso, um peito duro encosta-se pesadamente contra as minhas costas, deixando-me em choque. Guincho e o copo cai e desfaz-se no lava-loiça.

Não sei como se libertou, mas as algemas estão penduradas dos seus pulsos. Umas mãos duras puxam-me para trás e prendem-me.

Estremeço quando uma respiração sedutora e quente me acaricia a orelha.

— Aquilo não foi simpático, Kate. Também sei não ser simpático.

A sua voz é baixa — não zangada, mas firme. É incrivelmente excitante.

Uma mão agarra-me o cabelo pela nuca e puxa, fazendo-me arquear as costas e empurrar a pélvis contra o lava-loiça. Puxa-me a cabeça para o lado e depois beija-me, enterrando a língua na minha boca enquanto me esforço por o acompanhar.

O beijo é possessivo.

Dominador.

Um momento mais tarde entra facilmente em mim e começa a empurrar ritmadamente, o seu baixo-ventre a bater contra o meu rabo a cada movimento.

É um êxtase.

Oiço-me a gemer. O balcão enterra-se na minha barriga, mas não me importo. A única coisa que sinto é o Drew.

A controlar-me. A conduzir-me. A possuir-me.

A sua mão livre agarra a minha e trá-la para a frente para o meu clitóris. Pressionando os meus dedos, obrigando-me a satisfazer-me.

Os homens são obcecados por masturbação. Já percebi que os excita imenso, como atirar um fósforo para uma lata de gasolina.

Liberta a minha mão, mas os meus dedos continuam a mexer-se como ele quer. Como se eu fosse uma marioneta e o Drew o meu mestre manipulador. E depois inclina-se para trás, afastando o calor do seu peito.

O ritmo dos seus movimentos enfraquece. Sinto a sua mão deslizar pela minha coluna abaixo. Entre nós.

Para o meu rabo.

A sua mão aperta e esfrega, depois os seus dedos deslizam à volta das meias-luas de carne. Para trás e para a frente por cima do orifício hipersensível entre elas.

Fico tensa.

Este é território novo para nós. Bem — para mim. Não tenho dúvidas de que o Drew já esteve dentro de todos os orifícios disponíveis nas formas femininas.

Mas para mim é desconhecido. E um pouco enervante.

Os seus dedos fazem várias passagens inofensivas até que relaxo. Até a tensão sair dos meus ombros, e mais uma vez distraio-me com o intenso prazer que o ritmo das suas ancas invoca.

E depois mete um dedo lá dentro.

Não há dor nem desconforto. A dupla penetração é muito parecida com o paraquedismo. Para verdadeiramente se apreciar tem de se experienciar. As palavras não lhe fazem justiça.

Mas vou tentar: delicioso.

De uma maneira proibida e marota.

Lentamente, o Drew move o dedo para dentro e para fora, ao ritmo do seu membro.

E eu gemo, baixinho e profundamente, sem qualquer inibição. Os meus dedos também roçam mais depressa e com mais força, à frente. Começo a arfar quando me abre mais, criando espaço para o segundo dedo que acabou de meter.

Os seus movimentos são sem pressa, tortuosos e provocadores.

E eu quero abrir a boca e suplicar por mais.

Mais fricção, mais calor.

Mais depressa. Mais. *Por favor.*

O Drew empurra-me suavemente para a frente. Faz-me dobrar e o meu cabelo toca no fundo do lava-loiça. E depois desaparece, ausentando-se do meu corpo.

A perda dói-me intensamente.

Até que sinto a cabeça do seu sexo, molhada com os meus fluidos, roçando para trás e para a frente sobre a abertura que os seus dedos acabaram de abandonar.

— Drew...

É um gemido queixoso, meio prazer, meio dor.

Todo ele súplica.

— Diz «sim», Kate. Porra... por favor, diz «sim».

A sua voz é áspera. Crua.

Necessitada.

De mim. E, de repente, sinto-me poderosa.

O que é estranho, considerando a nossa posição atual. Mas mesmo assim sou eu que controlo e ele bem pode implorar aos meus pés.

Esperando e ansiando pela minha ordem.

Nem penso. Nem pondero as opções nem contemplo as consequências. Só sinto, submersa em êxtase.

Abandono-me.

E confio.

— Sim...

Muito lentamente, o Drew pressiona para a frente para dentro de mim. Há um momento de dor — um ardor devido ao alargar — e inspiro fundo. Ele para. Até eu libertar a respiração. Depois, suavemente, continua para a frente, até que a sua carne mais íntima está

completamente encaixada na minha. Depois fica completamente quieto. Deixando o meu corpo ajustar-se à intrusão.

Sinto a sua mão deslizar pela minha anca e pela minha coxa abaixo, abordando-me pela frente. A sua mão mete-se debaixo da minha, os seus dedos roçando num movimento circular. Daquela maneira sensual, magnífica antes de entrar dentro de mim, repetidamente.

Sempre pensei no sexo anal como o espetáculo máximo de dominação, forçado, talvez humilhante.

Mas isto não se parece nada com essa ideia.

É primitivo... inexplorado... mas belo também. Sagrado.

Como se tivesse acabado de lhe dar a minha virgindade. E, de alguma maneira, suponho que dei.

O primeiro movimento é meu, empurrando contra ele.

Dando ao Drew permissão, querendo saber, para experienciar estas novas sensações. Precisando de passar a linha de chegada. Com ele.

É mais do que erótico. Para lá de íntimo.

Os lábios do Drew encostam-se com força à minha pele nas minhas costas. Beijando e dizendo palavras e sussurrando o meu nome. E depois é ele que se mexe. Retomando o controlo. Para dentro e para fora — terno mas firme.

É divino.

A minha mão agarra a dele no meu clitóris. As minhas pernas tremem e sei que estou perto. *Tão perto*. Como subir uma montanha e perceber que o pico está a apenas alguns passos.

A nossa respiração é profunda, as nossas bocas abertas ofegantes com cada movimento de ancas do Drew.

— Isso... Isso... Isso...

Os orgasmos dos homens são noventa por cento físicos. É fácil para eles virem-se independentemente de onde estão os seus pensamentos. Para as mulheres é mais difícil. Os nossos orgasmos costumam articular-se com o nosso estado mental. O que quer dizer que se vocês nos querem levar lá não podemos estar a pensar no monte de roupa na sala ao lado, nem no monte de papéis que estão à espera nas nossas secretárias.

O que explica porque não é a mão nem a pila do Drew que me leva à certa.

É a sua voz.

Com a testa contra a minha omoplata, ele entoa:

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus...

É tão pouco dele.

Parece aberto. Exposto.

Vulnerável.

Este homem exasperante, que quer sempre estar no comando, a dar as ordens. Que não dá um passo sem o examinar de todos os ângulos, revirando-o na sua mente formidável — as vantagens, os benefícios, as ramificações.

Está a desintegrar-se atrás de mim.

E quando sussurra uma ladainha de palavões e orações perco o controlo.

Entro em êxtase.

A minha cabeça atira-se para trás e os meus olhos fecham-se. E as estrelas explodem por detrás das minhas pálpebras quando me reteso e grito, e onda após onda estonteante de prazer abala o meu corpo.

Os movimentos do Drew tornam-se irregulares e bruscos, mais fortes e descontrolados.

E momentos depois puxa-me as ancas para ele, segurando-me lá, enquanto um derradeiro gemido gutural lhe sai dos lábios.

Depois disso, recuperamos o fôlego. Ainda ligados e estremecendo com réplicas secundárias. As suas mãos deslizam suavemente pelos meus braços quando sai de dentro de mim.

Vira-me para si. As suas mãos acariciam-me o rosto, e depois beija-me.

E é tão doce. Tão bom e amoroso. Um contraste tão forte com os nossos movimentos desesperados de momentos antes.

Não sei porquê mas os meus olhos enchem-se de lágrimas.

Imediatamente, o olhar espantado do Drew torna-se preocupado:

— Estás bem? Eu... magoei-te?

Sorrio através das lágrimas porque são de alegria. Porque de uma maneira estranha e inexplicável nunca me senti tão perto dele como agora.

— Não. Estou maravilhosamente. Estás à vontade para não seres simpático para mim quando quiseres.

Então ele sorri também. Aliviado e satisfeito.

— Tomei nota.

O Drew pega em mim e leva-me para o chuveiro. Ficamos de pé debaixo do borrifo quente e lavamo-nos um ao outro com veneração. Depois o Drew embrulha-nos em toalhas grossas aquecidas e transporta-me para a cama.

Puxa o cobertor para cima dos dois e segura-me com força contra ele.

E faz-me sentir preciosa.

É ele que me faz sentir assim. Sempre.

Querida.

Adorada.



Se estava dorida no dia seguinte? Um pouco. Mas não era assim tão mau.

Demasiada informação?

Desculpem. Só estou a tentar ajudar.

De qualquer modo, as dores da manhã seguinte valeram bem a pena, no que me diz respeito.

Mas para que serve tudo isto, perguntam vocês? Porque é que estou a partilhar isto com vocês?

É porque sexo bom, sexo mesmo, mesmo bom, não precisa de álcool. E não tem nada a ver com compatibilidade, ou prática, ou até estar apaixonado.

Tem a ver com confiança.

Baixar as defesas. Pormo-nos nas mãos da outra pessoa e deixá-la conduzir-nos para lugares onde nunca estivemos.

E eu confiei no Drew. Com a minha mente, o meu coração, o meu corpo. Confiei no Drew com tudo o que tinha.

Pelo menos naquela altura.

Capítulo 1

Na escola secundária, a Biologia era a minha disciplina preferida. O que mais me fascinava eram as espécies que se transformam num ser completamente diferente. Como os girinos. Ou as borboletas. Começam como uma coisa mas acabam como outra coisa completamente diferente.

Irreconhecíveis.

Toda a gente olha para as borboletas e pensa:

— Que lindas!

Mas ninguém pensa naquilo por que tiveram de passar para se tornarem o que são. Quando a lagarta constrói o seu casulo, não sabe o que está a acontecer. Não compreende que está a mudar.

Pensa que está a morrer, que o seu mundo está a acabar.

A metamorfose é dolorosa. Aterradora e desconhecida. Só depois é que a lagarta percebe que tudo valeu a pena.

Porque então consegue voar.

E é assim que me sinto agora, mais forte do que antes.

Achavam que eu era forte antes?

Enganei-vos. Parte disso era só bravata, fachada.

Lidar com Drew Evans é como mergulhar numa daquelas ondas perigosas na praia. Ele é esmagador. E, ou se bate os pés com força para nos mantermos a par, ou ele rebola por cima de nós e obriga-nos a aterrar de caras na areia.

Por isso, tive de fingir ser durona.

Já não preciso de fingir porque agora sou de granito. Impenetrável até ao fim.

Perguntem a quem sobreviveu a um tremor de terra à meia-noite, ou a um fogo doméstico que varreu tudo o que importava. A devastação inesperada muda-nos.

E eu choro a antiga Kate. E a minha antiga vida. Aquela que eu tinha planeado partilhar com o Drew para sempre.

Parecem confusos. Desculpem — vamos começar de novo.

Estão a ver aquela mulher além? No baloiço, neste jardim vazio?

Sou eu — Kate Brooks.

Mas não sou mesmo eu. Não a Kate que vocês recordam. Como disse antes, agora sou diferente.

Possivelmente estão a perguntar-se porque é que aqui estou outra vez em Greenville, Ohio, sozinha.

Tecnicamente falando, não estou sozinha.

Mas já lá vamos.

A razão pela qual estou em Greenville é simples. Não suportava estar em Nova Iorque. Nem mais um dia. Não depois de tudo o que aconteceu.

O Drew?

Ele ainda está em Nova Iorque. Provavelmente a curar uma ressaca. Ou talvez ainda esteja bêbedo. Quem sabe? Mas não nos preocupemos demasiado com ele. Ele tem uma *stripper* atraente a tomar conta dele.

Sim, eu disse *stripper*. Pelo menos espero que fosse uma *stripper*. Mas se calhar era uma prostituta.

Achavam que o Drew e eu íamos viver felizes para sempre, como num conto de fadas? Bem-vindos ao clube. Parece que felizes para sempre só dura dois anos.

Não é preciso confirmarem o título. Estão no sítio certo. Este ainda é o espetáculo de Drew e Kate. Só que está de pernas para o ar. Marado. Bem-vindo a Oz, Totó. Não é assim tão bonito como se pensava, pois não?

Como é que é? Acham que pareço o Drew? Isso é o que a Delores diz: que ele me infetou com a sua obscenidade. Chama-lhe conversa de Drew. Suponho que ao fim de dois anos acabe por se assimilar.

Vejo que estão a perguntar-se o que aconteceu. *Vocês estavam tão apaixonados. Eram perfeitos um para o outro.* Pois, contem-me algo de novo.

Ou melhor ainda, digam-no à *stripper*.

Seja como for, quer acreditem quer não, o verdadeiro problema não foi outra mulher. No princípio não foi. O Drew não estava a mentir quando dizia que sempre me havia de querer. Queria. E ainda quer.

A questão é que não *nos* quer *a nós*.

Continuam a não compreender? É porque não estou a contar bem. Devia começar pelo princípio. É que na semana passada descobri...

Não, esperem. Assim também não vai resultar. Se é para compreenderem, preciso de recuar um pouco mais.

O nosso fim começou há cerca de um mês. Vou começar por aí.



Cinco semanas antes

— Bem, parece que temos acordo!

O tipo com o chapéu de cowboy a assinar o monte de papéis do outro lado da minha mesa de conferências é Jackson Howard Sr. A versão mais jovem sentada ao seu lado, de chapéu preto, é o filho, Jack Jr.

São rancheiros. Têm o maior rancho de gado bovino da América do Norte e acabaram de adquirir a empresa de localização por GPS mais inovadora do país. Agora devem estar a perguntar-se porque é que dois homens de negócios já ricos viajam para o outro lado do país para expandir o seu império?

Porque querem o melhor. E eu sou a melhor.

Ou melhor, *nós* somos os melhores.

O Drew tira-lhe o documento final.

— Claro, Jack. Sendo tu, começava a pensar em fazer as deslocações profissionais de iate. Quando os lucros dos relatórios anuais começarem a chegar, o teu contabilista vai querer deduzir despesas que se vejam.

Kate e Drew.

A equipa de sonho da Evans, Reinhart and Fisher.

John Evans, o pai do Drew, sabia mesmo o que estava a fazer quando nos juntou. Um facto que ele orgulhosamente gosta de nos lembrar.

Ouvimo-lo repetir bastas vezes que sempre soube que o Drew e eu seríamos uma equipa imbatível — a menos que nos matássemos. Parece que esse era um risco que o John estava disposto a correr. Claro que ele não sabia que havíamos de acabar como estamos agora mas também reivindica esse mérito. Estão a começar a ver a quem o Drew sai, não estão?

A Erin está a entrar com os casacos dos nossos clientes. Estabelece contacto visual com o Drew e bate no relógio. Ele acena discretamente.

— Proponho que saíamos para celebrar, vamos pintar a manta! Vamos lá ver se a malta da cidade consegue acompanhar o nosso ritmo — diz Jackson Howard.

Embora vá a caminho dos setenta anos, tem a energia de um jovem de vinte. E suspeito que tenha mais do que apenas algumas histórias de montar touros para contar.

Abro a boca para aceitar o convite, mas o Drew interrompe-me.

— Adorávamos, Jack, mas infelizmente a Kate e eu já temos um compromisso marcado. Há um carro à sua espera lá em baixo para os levar aos melhores estabelecimentos da cidade. Divirtam-se. E claro que é por nossa conta.

Levantam-se e o Jack toca no chapéu, em jeito de cumprimento ao Drew.

— É uma grande gentileza sua, filho.

— É um prazer.

Quando caminhamos para a porta, Jack Jr. vira-se para mim e entrega-me o seu cartão.

— Foi verdadeiramente um prazer trabalhar consigo, menina Brooks. Da próxima vez que esteja na nossa zona, ficaria honrado por a acompanhar. Tenho a impressão de que o Texas havia de concordar comigo. Pode ser que até decida ficar e lançar raízes.

Pois, está-se a fazer ao piso. Talvez pensem que é má onda. Eu teria pensado assim, há dois anos. Mas, tal como o Drew me disse então, está sempre a acontecer. Os homens de negócios são manhosos e arrogantes. Têm de ser.

É uma das razões pelas quais esta área tem a terceira taxa mais alta de infidelidade — logo a seguir aos condutores de camiões e polícias. Com as desoras e as viagens frequentes, os engates tornam-se quase inevitáveis. Um dado adquirido.

Foi assim que o Drew e eu começámos, lembram-se?

Mas Jack Jr. não é como os outros cretinos que me fizeram propostas. Ele parece sincero. Doce. Por isso sorriu e estendendo a mão para aceitar o cartão dele, só para ser delicada.

Mas a mão do Drew é mais rápida do que a minha.

— Gostaríamos muito. Não temos muito trabalho lá para o Sul, mas da próxima vez que tivermos, vamos aproveitar a oferta.

Ele está a tentar ser profissional, sem emoções. Mas o maxilar está tenso. Claro, está a sorrir, mas alguma vez viram *O Senhor dos Anéis*? O Gollum também sorria.

Imediatamente antes de arrancar à dentada a mão daquele tipo que estava na posse do seu *precious*.

O Drew é territorial e possessivo.

Ele é assim.

O Matthew uma vez contou-me uma história: no primeiro dia do jardim de infância, a mãe trouxe-lhe uma lancheira. Com a imagem do Yoda. No recreio o Drew não a queria pousar porque era dele e tinha medo de que alguém a partisse. Ou roubasse. Foi precisa uma semana para o Matthew o convencer de que ninguém faria isso — ou que juntos podiam dar uma tarefa a quem o fizesse.

Em alturas como esta eu sabia exatamente como aquela lancheira se sentia.

Sorriu afavelmente para Jack Jr. e ele leva a mão ao chapéu. E depois saem.

Logo que a porta se fecha atrás deles, o Drew rasga o cartão de Jack Jr. ao meio.

— Cretino.

Empurro-lhe o ombro:

— Para com isso. Ele foi simpático.

Os olhos do Drew viram-se de repente para os meus.

— Achas bem o filho incestuoso de Luke e Daisy Duke? Mesmo? Dá um passo para a frente.

— Na verdade até acho.

A sua voz ganha um sotaque arrastado do Sul:

— Talvez eu devesse comprar umas polainas e um chapéu de cowboy. — Depois deixa a pronúncia. — Ou melhor ainda, vamos arranjar

um para *ti*. Eu posso ser o teu garanhão selvagem e tu podes ser a cow-girl descarada que me monta.

O mais engraçado é que ele não está a brincar.

Abano a cabeça com um sorriso.

— Então que reunião misteriosa é esta que temos? Não tenho nada marcado na agenda.

Dá-me um sorriso largo.

— Temos um encontro no aeroporto.

Tira dois bilhetes de avião do bolso do fato.

Primeira classe — para Cabo San Lucas.

Inspiro rapidamente:

— Cabo?

— Surpresa.

Viajei mais nos últimos dois anos do que tinha viajado em toda a minha vida — as flores de cerejeira no Japão, as águas cristalinas de Portugal... Tudo coisas que o Drew já tinha visto, lugares em que já tinha estado.

Lugares que queria partilhar comigo.

Olho com atenção para os bilhetes e franzo o nariz:

— Drew, este voo parte dentro de três horas. Não vou ter tempo de fazer as malas.

Tira dois sacos do armário:

— Então calha bem que eu já o tenha feito.

Enlaço os braços à volta do seu pescoço e aperto:

— És o melhor namorado de sempre.

Sorri orgulhoso daquela maneira que me faz querer beijá-lo e bater-lhe ao mesmo tempo:

— Eu sei.



O hotel é espantoso. Com vistas que só conhecia de postais. Estamos no andar de cima — na *penthouse*. Como Richard Gere em *Um Sonho de Mulher*, o Drew acredita em «apenas o melhor».

Já é tarde quando entramos, mas depois de uma sesta no avião, estamos os dois excitados. Cheios de energia.

E famintos.

Todas as companhias aéreas estão a cortar hoje em dia, mesmo na primeira classe. As sandes podem ser gratuitas mas não quer dizer que sejam comestíveis.

Enquanto o Drew está a tomar duche, começo a desfazer as malas. Porque é que não estamos a tomar duche juntos? Não preciso de responder a isso, pois não?

Ponho as malas em cima da cama e abro-as. A maior parte dos homens olha para uma mala vazia como se fosse uma espécie de equação de física — podem olhar para ela durante cinco horas e continuar a não fazer ideia do que devem pôr lá dentro.

Mas o Drew, não.

Ele é o Senhor-Está-Tudo-Pensado.

Pôs lá todos os acessórios em que a maior parte dos homens não pensaria. Tudo o que eu precisava para tornar as minhas férias confortáveis e divertidas.

Exceto cuecas. Não há um único par de cuecas em toda esta mala.

E não é um lapso.

O meu namorado tem alguma coisa contra roupa interior. Se lhe fizesse a vontade, andávamos os dois por aí como Adão e Eva — exceto as folhas de figueira, claro.

Mas trouxe o que era essencial. Desodorizante, creme e máquina de barbear, maquilhagem, a minha pílula, hidratante, o resto do meu antibiótico para a infeção do ouvido que tive na semana passada, creme dos olhos, etc.

E temos de fazer uma pausa aqui, para um breve anúncio de serviço público.

Tenho alguns clientes que estão na área farmacêutica. E essas empresas têm departamentos inteiros cuja única função é escrever.

Escrever o quê, perguntam vocês? Sabem aqueles pequenos papéis que vêm com as vossas prescrições? Os que indicam todos os efeitos secundários e o que devem fazer se algum deles ocorrer? Pode causar sonolência, não conduzir maquinaria pesada, contactar um médico imediatamente, blá-blá-blá.

A maior parte de nós só abre a caixinha, tira os comprimidos e atira os papéis fora. A maior parte de nós faz isso mas não devia.

Não vou maçá-los com um sermão. Só lhes vou dizer isto neste momento: leiam o papelinho. Vão ficar contentes por o terem feito.

E agora — de volta ao México.

O Drew sai da casa de banho com uma toalha enrolada à cintura, e esqueço-me da mala. Sabem como alguns homens são homens de mamas ou homens de rabo? Acontece o mesmo com as mulheres. Eu sou uma rapariga de antebraço. Há qualquer coisa nos antebraços de um homem que é simplesmente... sensual. Algo unicamente másculo.

O Drew tem o melhor par que já vi. Firmes e tonificados, nem demasiado volumosos, nem demasiado finos, com a quantidade certa de pelos.

Tira a toalha das ancas e esfrega os ombros com ela. Tenho a certeza de que começo a babar-me.

Final talvez seja uma mulher de rabo.

— Sabias que não é boa educação ficar a pasmar?

Arrasto os meus olhos para os dele. Está a sorrir. Dou um passo na sua direção, como um puma a abeirar-se da presa.

— É mesmo?

O Drew lambe os lábios.

— De certeza absoluta.

Uma gota de água desliza pelo meio do seu peito.

Mais alguém tem sede?

— Bem, não quero ser mal-educada.

— Deus me livre.

Quando estou para me inclinar e lamber-lhe a gotinha a minha barriga ruge. Alto.

Grrrrrrr.

O Drew ri-se:

— Talvez deva alimentar-te primeiro. Vais precisar de muita energia para o que planeei.

Mordo o lábio em antecipação:

— Planeaste alguma coisa?

— Para ti? Sempre — Faz-me rodar e dá-me uma palmada no rabo.

— Agora mete-me esse rabo delicioso no duche para podermos ir. Quanto mais depressa comermos, mais depressa podemos voltar para aqui e foder até o sol nascer.

Ele não tem intenção de ser tão bruto como parece.
Pois, está bem... Provavelmente tem.



Uma hora mais tarde estamos a caminho do jantar. O Drew fez-me uma surpresa com um vestido novo, branco e sem alças, com uma bainha que alarga um pouco acima do joelho. Tenho o cabelo solto com uma leve ondulação, tal como sei que ele gosta.

Quanto ao meu namorado — não consigo tirar os olhos de cima dele. Calças informais caqui e uma camisa branca fresca, os botões de cima abertos, as mangas enroladas para cima até meio do braço.

Lindo.

Chegamos ao restaurante.

Sempre achei que a cultura latina era interessante. A música e as pessoas são vibrantes e voláteis.

Apaixonadas.

Todas estas são palavras que descrevem o sítio onde estamos a jantar hoje. Estamos a média luz — a única iluminação vem das velas nas mesas e das luzes tremeluzentes no teto. Um ritmo pulsante emana de uma pequena banda de músicos no canto.

O Drew pede uma mesa para dois, em espanhol.

Sim, ele fala espanhol. E francês. E está a aprender japonês. Achavam que a voz dele era sensual? Acreditem: até o ouvirem sussurrar expressões capazes de fazer corar numa língua estrangeira, vocês não sabem o significado de *sensual*.

Seguimos a empregada robusta de cabelos escuros para uma mesa ao canto.

Agora façam uma pausa para olhar em volta. Repararam em toda a atenção feminina que o Drew recebe só de atravessar a sala? Os olhares de apreço furtivos, os olhos convidativos?

Eu noto — noto sempre.

Mas eis o melhor: o Drew não nota. Porque não olha. Para nenhuma delas.

Agora isto é para vocês homens que pensam que olhar não faz mal. Estão errados. Porque nós, mulheres, não achamos que estão apenas

a gozar as vistas. Achamos que estão a comparar, achando-nos em falta. E isso magoa. Como uma fina incisão no globo ocular.

Tenho total consciência de que o Drew podia ter qualquer mulher que quisesse: uma modelo de Beverly Hills, uma herdeira de Park Avenue... Mas escolheu-me a mim. Lutou por mim. Por isso, sempre que saímos, é um grande estímulo para a minha autoconfiança.

Porque sou a única mulher para quem ele olha.

Sentamo-nos à mesa e examinamos os menus:

— Então explica-me outra vez como conseguiste passar pela universidade e pela escola de Gestão sem nunca beber tequila pura?

Rio-me da pergunta, lembrando-me:

— Bem, na secundária fazíamos aquelas fogueiras, acampamentos.

Já alguma vez dormiram com uma garrafa de refrigerante de dois litros como almofada? Não tem graça nenhuma.

— Então, uma noite, o Billy e os rapazes estavam a beber tequila e o Billy engoliu o bicho. E depois começou a alucinar. Estávamos a estudar anatomia anfíbia em Biologia nessa altura, e confuso como estava, o Billy convenceu-se de que era um sapo e que a Delores estava a tentar dissecá-lo. Partiu aos saltos para o bosque sozinho e demorámos três horas a encontrá-lo — com a língua na terra. Tenho hesitado em experimentar tequila desde então.

O Drew abana a cabeça:

— O que vem confirmar novamente o que sempre soube. Billy Warren é, e sempre foi, um idiota acabado.

Estou habituada às investidas do Drew contra o Billy. E neste caso tenho de reconhecer que não está totalmente errado.

Por isso digo-lhe:

— Desde que não me tentes fazer engolir o bicho, estou disposta a experimentar.

Os olhos iluminam-se-lhe como uma criança numa loja de bicicletas:

— Sabes o que isso quer dizer?

— O quê?

Mexe as sobrancelhas:

— Vou ensinar-te a fazer *body shots*.



Embora não acredite que tem de se estar bêbedo para se ter bom sexo, tenho a certeza de que uns copinhos não prejudicam.

O Drew e eu estamos no elevador de regresso ao nosso quarto, ambos mais do que tontos por causa da tequila. Sinto-a na língua do Drew, amarga com um toque de limão.

Ele tem-me encostada à parede, a minha saia levantada à volta das ancas e estamos a empurrar-nos e a esfregar-nos um contra o outro.

Ainda bem que não há mais ninguém no elevador. Não que por esta altura fizesse grande diferença.

Entramos para o quarto aos trambolhões, ainda a apalpar-nos e a beijar-nos.

O Drew bate a porta com força e faz-me girar. Num movimento rápido, puxa-me o vestido pelo corpo abaixo, deixando-me nua. Exceto os sapatos de salto alto.

Debruço-me sobre a secretária, apoiada nos cotovelos. Oiço o sibilar de um fecho e depois sinto-o a deslizar o sexo entre os meus lábios, a testar as águas, para se certificar de que estou pronta.

Estou sempre pronta para ele.

— Não provoques — lamurio-me.

Entre a tequila e o elevador, estou mesmo excitada. Carente. Ele penetra-me devagarinho mas até ao fundo. E eu suspiro.

Ora, todos conhecemos a velha expressão que maior é melhor. E o Drew é grande — não que tenha muito com que o comparar, mas tem o dobro do tamanho do Billy.

Não estou a provocar desconforto entre a rapaziada, pois não? Notícia de última hora: é assim que as mulheres falam. Pelo menos quando vocês não estão por perto para ouvir.

Mas não é mesmo o tamanho que faz o homem. É o ritmo, a cadência, saber como tocar todos os pontos deliciosos com a pressão certa. Por isso, da próxima vez que virem um anúncio chamado Pénis XXXL ou Verga-Milagre podem poupar o vosso dinheirinho. Comprem antes o Kama Sutra.

O Drew agarra-me o cabelo, puxando-me a cabeça para trás, e faz movimentos rápidos. Duro e rápido. Agarro-me à secretária para me equilibrar.

Ele beija-me o ombro e sussurra-me ao ouvido:

— Gostas, querida?

Gemo:

— Sim... Sim... tanto.

Empurra com mais força para dentro de mim, abanando a secretária.

E de um momento para o outro venho-me como uma locomotiva desmandada.

Estou a flutuar, num espaço sem gravidade.

E é sublime.

O Drew desacelera o movimento das ancas quando desço, tirando-o para fora, fazendo a coisa durar. Puxa-me contra o seu peito e os seus dedos percorrem-me a barriga e sobem para os seios, envolvendo-os e amassando-os com as duas mãos.

Ponho os braços à volta do seu pescoço, virando a cabeça, trazendo a sua boca à minha.

Adoro a boca dele, os lábios, a língua... Beijar é uma forma de arte e Drew Evans é um Miguel Ângelo.

Sai de dentro de mim e eu viro-me para lhe ver a cara acompanhando-o de costas para a cama. O Drew senta-se na beira e eu subo, envolvendo-lhe a cintura com as minhas pernas.

Meu Deus...

É assim que eu gosto: peito com peito, boca com boca, nem um centímetro de espaço entre nós. Agarro-o com a mão e deslizo para cima dele. As minhas entranhas esticam-se com a plenitude e o Drew geme. Ergo-me lentamente e caio com força, testando a resistência das molas da cama.

Iiiii.

Iiiii.

Faço movimentos mais rápidos, mais fundo, os nossos corpos pegajosos com o calor do México.

E depois o Drew segura-me o rosto nas mãos, os polegares movendo-se para trás e para diante na minha pele. De repente, terno. Cheio de adoração.

As nossas testas estão juntas e, na luz fraca, vejo-lhe os olhos a olharem para baixo, observando os movimentos para dentro e para fora de mim.

E eu olho para baixo também.

É erótico. Sensual.

Afasto-lhe o cabelo da testa.

E a minha voz implora:

— Diz-me que me amas.

Ele não o diz muitas vezes. Prefere mostrar-me. Mas nunca me canso de o ouvir. Porque sempre que realmente diz as palavras, maravilho-me como da primeira vez.

— Amo-te, Kate.

As suas mãos continuam a segurar-me o rosto, ambos ofegantes, com movimentos rápidos, cada vez mais próximos. É uma sensação espiritual.

Uma comunhão sagrada.

A voz do Drew é abafada, ofegante.

— Diz-me que nunca me deixas.

Os seus olhos são doces, prata líquida. A pedir confirmação.

Apesar de toda a audácia e grande confiança, acho que uma parte dele ainda vive assombrada por aquela semana em que pensou que eu tinha escolhido o Billy em vez dele. Acho que é por isso que se esforça tanto por me provar o quanto me deseja.

Para me mostrar que escolhi sabiamente.

Sorrio suavemente e olho-o nos olhos:

— Nunca. Nunca te deixarei, Drew.

As minhas palavras soam a votos.

As suas mãos agarram-me as ancas, levantam-me, ajudando-me nos movimentos.

— Meu Deus, Kate... — Os olhos fecham-se.

E as nossas bocas abrem-se, dando e tomando a respiração um do outro. Ele expande-se dentro de mim, latejando, enquanto caio com força à volta dele.

E vimo-nos juntos. Em perfeito uníssonos.

Um esplendor perfeito.

Depois, os braços do Drew apertam-se à minha volta. Toco-lhe o rosto e beijo-o suavemente. Cai para trás na cama, levando-me com

ele, mantendo-me em cima. Ficamos assim deitados durante um bocado até que a batida dos nossos corações volta a descer e a nossa respiração abrandar.

E depois o Drew rola por cima de mim.

E fazemo-lo outra vez.

Bestseller do *New York Times* e do *USA Today*

Ela é linda e ambiciosa. Ele é atraente e convencido.
Juntos formam um par incrível.
Mas algo inesperado vai deixá-los enrolados
em mal-entendidos sem fim!

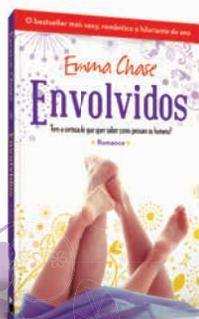
Katherine Brooks sempre foi metódica e cautelosa. Até ao dia em que conheceu Drew Evans, o seu atual namorado, um homem persistente e muito seguro de si.

Juntos formam um casal ambicioso, dedicado às suas carreiras, mas que nunca perde uma oportunidade para desfrutar das delícias da vida a dois. Até que surge um contratempo que abala a relação, e o conto de fadas transforma-se numa crise conjugal.

Ela muda-se para casa da mãe, e ele faz tudo, mas mesmo tudo, para a esquecer... Poderá uma série de mal-entendidos pôr fim ao romance mais divertido e tórrido de sempre?

Enrolados é a tão esperada continuação de *Envolvidos*, que segue a história sexy e hilariante de um casal que vive enredado nos sobressaltos e nas peripécias do amor.

Conheça o primeiro livro
da série *Envolvidos*:



Veja o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.topseller.pt



TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

Série *Envolvidos*, n.º 2

ISBN 978-989-8800-03-9



9 789898 800039

Ficção romântica